

A TÃO ESPERADA OFENSIVA DA UCRÂNIA: POR QUE NÃO VENCERÁ PUTIN

Por Daniel Davis*



M1 Abrams (Creative Commons).

Recusar-se a negociar agora na esperança de que a Ucrânia obtenha uma grande vitória no campo de batalha, pode condenar Kiev a um acordo muito pior mais adiante.

A Ucrânia tem uma realidade complexa que deve enfrentar: os líderes seniores dos EUA, Reino Unido e UE expressaram nos últimos dias um forte apoio à Ucrânia e sua amplamente divulgada ofensiva. A leitura de alguns dos comentários que eles fizeram fora das manchetes, no entanto, expõe a crescente percepção no Ocidente de que a esperança de Zelensky realizar seus objetivos declarados de expulsar a Rússia totalmente da Ucrânia tem baixa probabilidade de sucesso.

Uma mudança na política ocidental, portanto, é urgentemente necessária – antes que Kiev sofra mais perdas em combate que provavelmente não alterarão o fato de que a guerra possivelmente terminará com um acordo negociado.

DESENVOLVIMENTOS RECENTES NA GUERRA DA UCRÂNIA

Apenas nos últimos dias, um bando de líderes políticos ocidentais fez fortes declarações de apoio à Ucrânia e à iminente ofensiva do país em apuros. O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, o secretário de Relações Exteriores do Reino Unido, James Cleaverly, e o secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, emitiram declarações de apoio à Ucrânia com palavras fortes. A questão, no entanto, é se o Ocidente pode cumprir suas alegações.

Há crescentes evidências de que, até o final de 2023, o Ocidente em geral e os EUA em particular provavelmente não terão estoque suficiente de armas e munições importantes para repor o que foi fornecido à Ucrânia nos primeiros 14 meses de guerra. Na semana passada, os Estados Unidos anunciaram mais uma parcela de apoio militar à Ucrânia, desta vez na forma de um pacote de US\$ 1,2 bilhão.

O que é fundamental sobre esse apoio prometido é que ele não foi concedido pela Autoridade de Retirada Presidencial, mas pela Iniciativa de Assistência à Segurança da Ucrânia. A diferença entre os dois programas é significativa e tem implicações nefastas para as operações das Forças Armadas Ucranianas (UAF, *Ukrainian Armed Forces*) até o final deste ano, especialmente após o resultado – vitória, derrota ou empate – da próxima ofensiva ucraniana.

POLÍTICA E TEMPO

A Autoridade de Retirada quer dizer que Biden pode solicitar a entrega imediata de armas e munições existentes nos EUA, o que significa que elas podem, em teoria, ser entregues no campo de batalha em semanas. A Iniciativa de Assistência à Segurança, por outro lado, significa que os contratos devem ser escritos, divulgados, submetidos a um processo de licitação e, em seguida, as empresas de defesa vencedoras das licitações devem produzir a munição ou equipamento militar, às vezes levando anos para serem concluídas. Isso significa que a Ucrânia não verá os principais benefícios desta última rodada de apoio dos EUA até pelo menos 2024.

Em entrevista em 5 de maio à *Euronews*, o chefe de política externa da UE, Josep Borrell, admitiu “Se eu parar de apoiar a Ucrânia, a guerra certamente terminará em breve”, porque a Ucrânia seria “incapaz de se defender” e “cairia em questão de dias”.

Cleverly acrescentou com otimismo que, desde o início da guerra, as Forças Armadas ucranianas “superaram as expectativas”. No entanto, ele concluiu com uma palavra sóbria de cautela: “Temos que ser realistas. Este é o mundo real. Este não é um filme de Hollywood.” E é aqui que os líderes ocidentais fariam bem em considerar as ramificações dessa declaração precisa.

É claro e compreensível que os ocidentais sejam contra a invasão violenta da Ucrânia pela Rússia e desejem que Kiev recupere todos os seus territórios. Se estivéssemos escrevendo o roteiro de um filme, é exatamente assim que essa história terminaria. Mas, como o ministro das Relações Exteriores britânico aponta com precisão dolorosa, temos que fazer política com base no mais preciso, realista e sóbrio reconhecimento da verdade fundamental e muito menos em nossas preferências carregadas de emoção.

Primeiro, devemos entender a enormidade da tarefa que a UAF enfrenta às vésperas de lançar sua ofensiva. Como alguém que lutou em uma batalha de tanques ofensiva em grande escala e treinou durante muitos anos para conduzir operações defensivas em unidades blindadas, posso afirmar conclusivamente que a defensiva é a forma de guerra menos difícil e desafiadora, e a ofensiva de armas combinadas é a mais complexa e difícil.

A ESTRATÉGIA DA UCRÂNIA EVOLUI

A Ucrânia sofreu baixas maciças nos primeiros 14 meses da guerra. Atualmente, suas forças armadas são compostas por soldados e líderes com experiência de guerra limitada e treinamento de nível apenas superficial em operações de armas combinadas. Não se deve subestimar o desafio enfrentado pelas tropas da UAF em uma ofensiva em nível de teatro de operações que requer coordenação rígida de todas as unidades ao longo de centenas de quilômetros, especialmente quando nenhum soldado, oficial ou general na Ucrânia realizou uma tarefa dessa magnitude.

Em segundo lugar, a Rússia tem preparado extensas posições defensivas por mais de meio ano em quase toda a frente de 1.000 km. De acordo com alguns analistas americanos, os russos projetaram e construíram uma impressionante série de cinturões defensivos que seriam difíceis de romper mesmo para exércitos ocidentais totalmente treinados. Para ter sucesso, as tropas de Zelensky terão que atacar essa defesa elaborada com poder aéreo ofensivo limitado, defesa aérea limitada, quantidades insuficientes de projéteis de artilharia e uma força equipada com uma miscelânea de blindados modernos e antiquados – composta por uma mistura de conscritos sem experiência de combate e alguns oficiais e homens com formação básica dada por instrutores da OTAN.

Alguns líderes ucranianos estão cientes da magnitude do desafio. O ministro da Defesa ucraniano, Oleksii Reznikov, disse ao *Washington Post* dias atrás que estava preocupado com o fato de a “expectativa de nossa campanha contraofensiva ser superestimada no mundo”, o que ele teme que possa levar a uma “decepção emocional”. O nível de sucesso, ele alertou, pode ser de apenas “10 quilômetros”. O que o ministro da Defesa não abordou, no entanto, é o que viria a seguir.

Mesmo que a Ucrânia novamente superasse as expectativas ocidentais e capturasse 50 ou 100 km de território, o número de baixas que sofreria seria alto em qualquer cenário, deixando as Forças Armadas ucranianas mais fracas do que são hoje. Conforme descrito acima, é muito improvável que o Ocidente possa substituir o equipamento perdido ou fornecer munição suficiente para sustentar os ucranianos pelo resto do ano e, de acordo com o *Washington Post*, além dos 300.000 soldados que a Rússia tem atualmente na Ucrânia, há outros 200.000 posicionados do outro lado da fronteira.

Assim que a ofensiva ucraniana terminar – independentemente de quão bem-sucedida ela possa ou não ter sido – um contra-ataque russo quase certamente se seguirá. A Ucrânia ficaria então vulnerável, por muitos meses, a tal ataque, pois teria ainda menos projéteis de artilharia, mísseis de defesa aérea e tropas. Como esta análise sóbria deixa claro, esses são os desafios gigantescos que se interpõem no caminho de uma ofensiva de primavera ucraniana vitoriosa e decisiva.

Se esse é o caso, então as chances de Zelensky atingir seu objetivo de forçar a saída da Rússia da Ucrânia são altamente improváveis. O resultado mais provável é que a guerra continue independentemente dessa ofensiva, mas o tempo e as condições continuarão pendendo a favor da Rússia. Eventualmente, Kiev provavelmente será compelida a buscar um fim negociado para os combates. O Ocidente deveria

reconhecer essa probabilidade – agora – e começar a apoiar privadamente tal resultado com as autoridades ucranianas. Recusar-se a tomar tais ações na esperança de que a Ucrânia produza uma grande vitória no campo de batalha pode condenar Kiev a um acordo muito pior mais tarde.

Publicado no [1945](#).

**Daniel L. Davis é tenente-coronel aposentado do Exército dos EUA, tendo sido enviado a zonas de combate quatro vezes. É autor de “The Eleventh Hour in 2020 America”.*
